

## CAPÍTULO 1

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro em posse de fortuna necessita de uma esposa.

Por pouco que se conheça das inclinações e dos sentimentos de tal homem quando ele chega a um lugar, esta verdade está de tal modo enraizada nos espíritos dos seus novos vizinhos que logo ele é considerado como legítima propriedade de alguma de suas filhas.

— Meu caro Mr. Bennet — disse-lhe um dia a esposa —, já sabe que Netherfield Park foi finalmente alugada?

Mr. Bennet respondeu que não sabia de nada.

— Mas a verdade é que foi — retorquiu ela. — Mrs. Long acabou de sair daqui e contou-me tudo.

Mr. Bennet não respondeu.

— Não quer saber quem é que a alugou? — perguntou a mulher, impaciente.

— A senhora está desejosa de mo dizer, e eu não tenho nenhuma objeção a ouvi-lo.

Isso bastou-lhe como convite.

— Pois é bom que saiba que Mrs. Long me contou que Netherfield foi alugada a um rapaz de grande fortuna do Norte de Inglaterra; que ele veio na segunda-feira, numa sege de quatro cavalos, para visitar a propriedade e ficou tão encantado com o que viu, que chegou logo a acordo com Mr. Morris; e, mais ainda, que ele se vai instalar na casa antes do S. Miguel<sup>1</sup> e que no final da próxima semana já devem chegar alguns criados.

---

<sup>1</sup> «*Michaelmas*», no original: dia 29 de setembro, uma das quatro datas que dividiam o ano em Inglaterra e altura em que as rendas eram devidas. (NT)

— Como é que ele se chama?

— Bingley.

— E é solteiro ou casado?

— Oh, solteiro, meu caro, é evidente!... Solteiro e com uma enorme fortuna: quatro ou cinco mil libras de renda por ano. Que oportunidade para as nossas meninas!...

— Como assim? Não vejo em que isso as possa afetar.

— Meu querido Mr. Bennet — respondeu-lhe a mulher —, às vezes é tão enfadonho!... Já devia ter percebido que eu estou a pensar casá-lo com uma delas.

— É esse o plano dele ao instalar-se aqui?

— Plano?! Que tolice! Como pode dizer tal coisa? Seja como for, é muito provável que ele se apaixone por uma delas e, por isso, o senhor deve ir visitá-lo assim que ele chegar.

— Não vejo razão para o fazer. Pode a senhora ir com as raparigas, ou então enviá-las sozinhas, o que provavelmente será ainda melhor, já que, sendo tão bonita como qualquer delas, Mr. Bingley poderia preferi-la.

— Lisonjeia-me, meu caro. É verdade que já tive os meus dias, mas hoje não alimento essas ilusões. Quando uma mulher é mãe de cinco filhas crescidas, deve abster-se de pensar na sua própria beleza.

— Em tais casos, ela não costuma ter muita beleza sobre a qual pensar.

— Seja como for, meu caro, é imprescindível que faça uma visita a Mr. Bingley assim que ele estiver instalado.

— Não prometerei tal coisa.

— Lembre-se de suas filhas... Pense só em como uma delas poderia ficar bem colocada. Sir William e Lady Lucas estão decididos a ir e olhe que apenas por essa razão, pois sabe que não têm o costume de visitar recém-chegados. É absolutamente necessário que vá, insisto, caso contrário nós ficaremos impedidas de o fazer.

— Exagera, seguramente, nos seus escrúpulos. Estou certo de que Mr. Bingley ficará encantado com a sua visita, e eu mesmo lhe enviarei umas breves linhas por seu intermédio asseverando-lhe

de que tem desde já o meu pleno consentimento para casar com aquela de nossas filhas que ele bem entender. Terei, no entanto, de incluir umas palavras em abono da minha Lizzy.

— Só espero que não faça uma coisa dessas. A Lizzy não é nem um bocadinho melhor que as irmãs. Mais ainda: não chega aos pés da Jane em beleza e não tem nem de perto a graça da Lydia. Mas o senhor está sempre a favorecê-la.

— Nenhuma delas tem muito que a recomende — respondeu o marido. — São tolas e ignorantes como qualquer outra rapariga. Mas a Lizzy parece-me um tanto mais esperta que as irmãs.

— Mr. Bennet, como pode falar assim de suas próprias filhas? O senhor sente prazer em aborrecer-me. Não tem qualquer compaixão pelos meus pobres nervos.

— Engana-se, minha cara. Tenho o maior respeito pelos seus nervos. Somos velhos amigos. Nestes últimos vinte anos, tem sido sempre com a maior consideração que a tenho ouvido falar sobre eles.

— Ah, o senhor não sabe o quanto eu soffro!...

— Mas faço votos para que se restabeleça e viva o suficiente para ver muitos rapazes com quatro mil libras anuais instalarem-se na vizinhança.

— Mesmo que venham vinte deles, isso de nada nos servirá, já que o senhor se recusa a visitá-los.

— Acredite no que lhe digo, minha cara: quando cá estiverem vinte, visitá-los-ei a todos.

Mr. Bennet era uma mistura tão curiosa de vivacidade e de sarcasmo, de reserva e de capricho, que uma experiência de vinte e três anos de vida em comum não tinha bastado para que a esposa lhe decifrasse o caráter. Já a natureza de Mrs. Bennet era bem menos difícil de penetrar. Tratava-se de uma mulher de escasso entendimento, pouca cultura e temperamento inconstante. Quando se sentia contrariada, imaginava-se vítima dos nervos. A principal tarefa da sua vida era casar as filhas; o seu consolo, visitas e mexericos.

## CAPÍTULO 2

Mr. Bennet foi um dos primeiros a prestar uma visita a Mr. Bingley. Tivera sempre intenção de o fazer, embora até ao último momento assegurasse a mulher de que não iria. Na verdade, só nessa noite, depois de desempenhada a função, teve a esposa conhecimento dela. Eis como lhe foi revelada. Mr. Bennet, que olhava para sua segunda filha enquanto ela guarnecia um chapéu, interpelou-a de repente, dizendo:

— Espero que Mr. Bingley o aprecie, Lizzy.

— Não estamos em posição de saber aquilo que Mr. Bingley aprecia ou deixa de apreciar — disse a mãe num tom ressentido —, já que não o visitaremos.

— A mamã está a esquecer-se — disse Elizabeth — de que o vamos encontrar nos saraus e que Mrs. Long nos prometeu apresentá-lo.

— Não acredito que Mrs. Long faça tal coisa. Ela própria tem duas sobrinhas. É uma mulher hipócrita e egoísta, tenho a pior impressão dela.

— A minha não é melhor — disse Mr. Bennet —, e folgo em saber que dispensa os seus préstimos.

Mrs. Bennet não se dignou dar resposta. Incapaz, porém, de se conter, pôs-se a ralar com uma das filhas:

— Não tussas dessa maneira, Kitty, pelo amor de Deus! Tem piedade dos meus nervos. Estás a fazê-los em farrapos.

— A Kitty não é capaz de ser discreta a tossir — disse o pai. — Não sabe escolher o momento oportuno.

— Não tusso por prazer — retorquiu Kitty aborrecida.

— Quando será o teu próximo baile, Lizzy?

— De amanhã a duas semanas.

— Pois, é verdade — exclamou a mãe —, e Mrs. Long só regressa no dia anterior. O que quer dizer que ela não poderá apresentá-lo, já que ainda o não terá conhecido.

— Então, minha cara, será a senhora quem gozará dessa vantagem sobre a sua amiga, apresentando-lhe Mr. Bingley.

— É impossível, Mr. Bennet, impossível, visto que eu própria o não conhecerei. Como é que pode ser tão enervante?

— Respeito os seus pruridos. Um conhecimento de duas semanas é decerto muito pouco. Não se pode pretender conhecer verdadeiramente alguém ao fim de apenas quinze dias. Mas se não formos nós a assumir esse risco, outra pessoa o fará. Mrs. Long e as sobrinhas não deixarão de tentar a sua sorte. Como tal, e visto que ela o considerará um ato de generosidade, se a senhora renunciar ao seu dever, eu próprio me verei obrigado a cumpri-lo.

As raparigas ficaram a olhar para o pai. Mrs. Bennet limitou-se a dizer:

— Disparates, só disparates!

— Qual poderá ser o significado de tão enfática exclamação? — perguntou ele. — Acaso considerará a senhora as formas de apresentação, e tudo o que elas implicam, um disparate? Neste ponto não posso, de forma alguma, concordar consigo. O que me dizes disto, Mary? Tu que és uma rapariga tão ponderada, sempre mergulhada em calhamaços e a coligir citações?

Mary procurou a todo o custo encontrar alguma coisa de muito assisado para dizer, mas não conseguiu acertar com nenhuma.

— Enquanto a Mary ajusta as suas ideias — prosseguiu —, voltemos a Mr. Bingley.

— Já estou farta de Mr. Bingley — exclamou a mulher.

— Lamento ouvi-lo. Porque é que não mo disse antes? Se tivesse sabido de manhã<sup>2</sup> o que sei agora, decerto não o teria visitado. Foi,

---

<sup>2</sup> A manhã, no contexto inglês da época, era o período compreendido entre o princípio do dia e a hora do jantar (que teria lugar por volta das quatro ou cinco da tarde). (NT)

de facto, uma infelicidade. Mas visto que a visita já foi feita, não nos podemos agora furtar ao seu convívio.

O ar de estupefação no rosto das senhoras correspondeu exatamente ao que Mr. Bennet pretendia — porventura o de Mrs. Bennet mais ainda que os outros, conquanto, esgotadas as primeiras efusões de alegria, ela passasse a declarar que nunca duvidara de que ele o fizesse:

— Que bondade a sua, meu caro Mr. Bennet! Tinha a certeza de que acabaria por persuadi-lo. Sabia que o amor que tem por suas filhas não o deixaria desprezar um conhecimento como este. Não imagina como fico satisfeita! E que partida o senhor nos pregou, ter feito a visita esta manhã e não nos ter dito palavra até agora...

— Bom, Kitty, já podes tossir as vezes que te apetecer — disse Mr. Bennet enquanto saía da sala, cansado dos arroubos da esposa.

— Que excelente pai o vosso, meninas — disse ela, assim que a porta se fechou. — Não sei como algum dia poderão retribuir a sua bondade. Na verdade, nem eu mesma. Acreditem-me que, nesta altura das nossas vidas, não é que nos agrade muito andar a travar conhecimentos todos os dias... Mas, por vocês, faríamos qualquer coisa. Lydia, meu amor, embora sejas a mais nova, é bem possível que Mr. Bingley te convide para dançar no próximo baile.

— Oh, não tenho receio — disse Lydia com ar resolutivo. — Posso ser a mais nova, mas sou também a mais alta.

O resto do serão foi passado em conjeturas sobre quanto tempo Mr. Bingley levaria para retribuir a visita de Mr. Bennet e a decidir quando o deveriam convidar para jantar.

## CAPÍTULO 3

Por mais que Mrs. Bennet, com a ajuda de suas cinco filhas, o tivesse interrogado, não foi possível arrancar do marido uma descrição satisfatória de Mr. Bingley. Atacaram-no por diversos meios: com perguntas indiscretas, engenhosas hipóteses e vagas suposições. Mas de todos estes ardis ele se esquivou. Por fim, viram-se obrigadas a aceitar as informações em segunda mão da sua vizinha, Lady Lucas. O relatório era altamente favorável. Sir William tinha ficado encantado com ele. Era bastante jovem, invulgarmente bonito, extremamente amável e, para coroar tudo o resto, fazia tenção de comparecer ao próximo sarau na companhia de um numeroso grupo. Que mais se poderia querer? Do gosto pela dança até ao despertar do amor era apenas um pequeno passo, e assim se animou a esperança de que o coração de Mr. Bingley pudesse ser conquistado.

— Se ao menos eu visse uma de minhas filhas instalada em Netherfield — disse Mrs. Bennet ao marido —, e todas as outras tão bem casadas quanto ela, nada mais teria a desejar.

Passados poucos dias, Mr. Bingley retribuiu a visita a Mr. Bennet, tendo sido recebido por ele na biblioteca durante cerca de dez minutos. Tinha acalentado a esperança de que lhe fosse permitido ver as filhas, de cuja beleza tanto ouvira falar — mas só conseguiu ver o pai. As senhoras tiveram um pouco mais de sorte, já que, através de uma janela no primeiro andar, puderam constatar que ele vestia um casaco azul e montava um cavalo negro.

Logo de seguida foi enviado um convite para jantar; e já Mrs. Bennet tinha planeado os pratos que fariam jus aos seus dotes

de dona de casa, quando chegou uma resposta que adiou tudo. Mr. Bingley tinha de estar em Londres no dia seguinte e via-se, por essa razão, obrigado a declinar a honra do convite, etc. Mrs. Bennet ficou profundamente desconcertada. Não conseguia imaginar que negócios ele pudesse ter para tratar na cidade tão pouco tempo depois da sua chegada ao Hertfordshire. Começou a temer que ele passasse a vida a passear de um lado para o outro, sem nunca assentar em Netherfield como seria seu dever. Lady Lucas serenou-lhe um pouco os receios, sugerindo que ele tivesse ido a Londres apenas para reunir uma larga companhia para o baile — e logo se seguiram rumores de que Mr. Bingley iria ao sarau acompanhado de doze senhoras e sete cavalheiros. As raparigas ficaram desgostosas com a ideia de um tão grande número de senhoras; mas depressa sossegaram quando, na véspera do baile, ficaram a saber que, em vez de doze, ele tinha trazido consigo de Londres apenas seis: as suas cinco irmãs e uma prima. Quando, por fim, o grupo entrou no salão, não contava com mais de cinco pessoas no total: Mr. Bingley, suas duas irmãs, o marido da mais velha e um amigo.

Mr. Bingley era um bonito rapaz, de ar distinto, semblante agradável e maneiras desenvoltas. As irmãs eram senhoras de grande elegância e indubitável requinte. O cunhado, Mr. Hurst, nada tinha que o distinguisse de outros cavalheiros. Mas o amigo, Mr. Darcy, cedo chamou a atenção de todos os presentes pela sua figura alta e elegante, feições harmoniosas e porte aristocrático, bem como pelo rumor, que cinco minutos depois da sua entrada já circulava por toda a sala, de que a sua renda ascendia a dez mil libras por ano. Os senhores proclamaram-no um belo tipo de homem, as senhoras declararam que ele era muito mais bonito que Mr. Bingley, e Mr. Darcy foi olhado com grande admiração durante a primeira parte do baile, até que as suas maneiras provocaram tal desprazer que o curso da sua popularidade se inverteu. Então descobriu-se que era orgulhoso, que se considerava acima dos demais e que era incapaz de exprimir o mínimo agrado — e nem a sua enorme propriedade em Derbyshire foi suficiente para impedi-lo de possuir o mais arrogante e antipático semblante que imaginar se pudesse, ou de ser indigno de qualquer comparação com o seu amigo.



Mr. Bingley havia rapidamente travado conhecimento com todas as pessoas mais importantes presentes no salão. Tinha um modo de ser expansivo e jovial, não perdera uma única dança, e mostrara-se aborrecido por o baile ter terminado tão cedo, falando mesmo na possibilidade de oferecer ele próprio um em Netherfield. Qualidades tão estimáveis falam por si. Que contraste entre os dois amigos!... Mr. Darcy dançara apenas uma vez com Mrs. Hurst e outra com Miss Bingley<sup>3</sup>, declinara ser apresentado a qualquer outra senhora e tinha passado o resto do serão a vaguear pela sala, conversando ocasionalmente com alguém da sua companhia. Não havia dúvidas quanto ao seu caráter. Ele era o homem mais orgulhoso e mais desagradável ao cimo da terra, e todos estiveram de acordo em desejar que não tornasse a aparecer. Entre aqueles mais ferozmente críticos encontrava-se Mrs. Bennet, cuja desaprovação da sua conduta, aguçada pela afronta feita a uma de suas filhas, acabara por se transformar em despeito.

Elizabeth Bennet tinha-se visto obrigada, dada a escassez de cavalheiros, a ficar sentada durante duas danças. Durante esse tempo, Mr. Darcy estivera perto o suficiente para que ela conseguisse ouvir uma conversa entre ele e Mr. Bingley, o qual, num intervalo de minutos entre as danças, tinha vindo incitar o amigo a juntar-se-lhes.

— Anda daí, Darcy — disse-lhe ele —, vais ter de dançar. Odeio ver-te aí parado, sozinho e com ar de enfado. Farias melhor se dançasses.

— Não farei tal coisa. Sabes como o detesto, a não ser quando conheço muito bem o meu par. Numa reunião como esta, seria absolutamente insuportável. Tuas irmãs estão já comprometidas, e não há além delas uma única mulher nesta sala cuja companhia não fosse para mim um suplício.

---

<sup>3</sup> O título de «Miss», seguido do apelido de família, referia-se sempre à filha mais velha ou, se essa já fosse casada, à mais velha das que ainda permanecessem solteiras. No caso das suas irmãs mais novas, o apelido vinha acompanhado do nome próprio, exceto quando, numa ocasião social, fora do círculo mais íntimo, uma delas se encontrasse sozinha ou fosse a mais velha das presentes. (NT)

— Como és difícil de contentar! — exclamou Mr. Bingley. — Palavra de honra que nunca na minha vida, como nesta noite, tinha encontrado tantas raparigas tão encantadoras. Tens de admitir que algumas delas são até invulgarmente formosas.

— *Tu*, Bingley, estás a dançar com a única rapariga bonita nesta sala — disse Mr. Darcy, olhando para a mais velha das irmãs Bennet.

— Oh, ela é a mais bela criatura que eu já vi!... Mas sentada mesmo atrás de ti, está uma irmã dela que é, não apenas muito bonita, como também, assim o creio, bastante simpática. Deixa-me pedir ao meu par que a apresente.

— De quem é que estás a falar? — e, virando-se para trás, ficou durante um breve instante a observar Elizabeth até que, encontrando os seus olhos, desviou os dele, para friamente acrescentar:

— É aceitável, mas não suficientemente bonita para me tentar a *mim*. De resto, não me sinto no momento com disposição para dar atenção a raparigas menosprezadas por outros. É melhor regressares para junto do teu par e desfrutar dos seus sorrisos, pois comigo só perdes o teu tempo.

Mr. Bingley seguiu o conselho. Mr. Darcy afastou-se. E Elizabeth ficou com sentimentos não muito cordiais a seu respeito. Relatou, no entanto, com muito espírito o episódio às amigas. Era, de facto, dotada de um temperamento alegre e jocoso, tirando sempre prazer de descobrir o lado ridículo das coisas.

Tudo somado, porém, o serão passou-se agradavelmente para toda a família. Mrs. Bennet tinha visto a filha mais velha suscitar admiração entre os habitantes de Netherfield. Mr. Bingley dançara com ela duas vezes e as irmãs deste tinham-lhe dedicado especial atenção. Jane sentia-se tão satisfeita quanto a mãe, mas de um modo bastante mais discreto. Elizabeth partilhava a alegria da irmã. Mary ouvira alguém falar de si a Miss Bingley como a menina mais prendada de toda a região. E Catherine e Lydia tinham tido a felicidade de nunca ficarem sem par, o que era, até à data, a única coisa que tinham aprendido ser importante num baile. Regressaram, por isso, em ótima disposição a Longbourn, a aldeia onde moravam e da qual eram os habitantes mais ilustres.

Encontraram Mr. Bennet ainda levantado. Quando lia um livro, perdia por completo a noção do tempo — para além de que, desta vez, era grande a curiosidade em saber qual o resultado de um serão que havia suscitado tão brilhantes expectativas. Teria preferido que os desejos da mulher em relação ao forasteiro tivessem sido gorados; mas cedo descobriu que ouviria uma versão bem distinta.

— Oh, meu caro Mr. Bennet — disse-lhe a mulher mal entrou na sala —, que serão tão agradável, que baile magnífico!... Gostava que também lá tivesse estado... A Jane não podia ter sido mais admirada. Todos comentaram como ela estava bonita. Mr. Bingley, sobretudo, achou-a lindíssima, e dançou com ela duas vezes! Repare bem, meu caro: dançou com ela duas vezes!... A Jane foi a única pessoa em toda a sala a quem ele tornou a convidar. Primeiro, convidou Miss Lucas. Fiquei tão irritada quando os vi dançar... Mas, no entanto, não manifestou qualquer admiração por ela; aliás, isso seria uma impossibilidade. Mas quando se cruzou com a Jane durante a dança, pareceu ter ficado impressionadíssimo. Então perguntou quem ela era, fez-se apresentar e convidou-a para as duas danças seguintes. As terceiras pertenceram a Miss King, as quartas à Maria Lucas, as quintas de novo à Jane, as sextas à Lizzy, e o *boulangier*<sup>4</sup>...

— Se ele tivesse um pouco de compaixão por mim — exclamou o marido exasperado —, não teria dançado nem metade delas! Pelo amor de Deus, não continue a falar sobre os pares de Mr. Bingley. Ah, não ter ele torcido o tornozelo logo na primeira dança!...

— Oh, meu caro — prosseguiu Mrs. Bennet —, fiquei absolutamente maravilhada com ele. É um rapaz tão bem-parecido!... E as irmãs são encantadoras. Nunca na vida vi *toilettes* tão elegantes. A renda do vestido de Mrs. Hurst era simplesmente...

Neste ponto, foi de novo interrompida. Mr. Bennet opunha-se a ouvir uma palavra mais que fosse sobre *toilettes*, e a esposa viu-se por isso obrigada a procurar outro tema, passando a relatar, com muita acrimónia e algum exagero, a insultuosa descortesia de Mr. Darcy.

---

<sup>4</sup> *Boulangier*: tipo de dança circular que, dada a sua simplicidade, tinha normalmente lugar no final do serão. (NT)

— Posso, contudo, garantir-lhe — acrescentou ela — que a Lizzy não perde grande coisa em não lhe agradar. Não consigo imaginar um homem mais horrível e antipático que aquele. De uma arrogância e de uma presunção que não havia quem o pudesse aturar! Sempre a pavonear-se de um lado para o outro, com ares de grande importância!... *Não era suficientemente bonita para dançar com ele!* Quem dera, meu caro, que lá tivesse estado, para o pôr no lugar com um dos seus comentários. Como eu o detesto!